

A ANÁFORA DIRETA EM CRÔNICAS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE DIRECT ANAFORA IN CHRONICLES OF STUDENTS OF THE 9TH YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Roberto Claudio Bento da Silva¹

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa²

Resumo: Este artigo objetiva analisar o uso da anáfora direta em crônicas escritas por alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Ceará. A partir de crônicas produzidas por esses alunos, foram selecionados, de forma aleatória, sete textos, nos quais se analisou o uso de anáforas diretas, e como essa estratégia de referência contribuiu para a progressão do texto. Para proceder com a análise, fundamentou-se nas ideias defendidas por Cavalcante (2013-2016), Marcuschi (2017), Costa Val (2019), Koch (2014) dentre outros autores. Verificou-se, com a análise, que os subtipos de anáfora que demandam uma operação mais básica são as que apresentam maiores ocorrências nos textos dos alunos, a exemplo da anáfora correferencial co-significativa, da anáfora correferencial recategorizadora, retomada por meio de expressões definidas e a anáfora não-co-significativa e não recategorizadora, retomada por pronomes pessoais. Esses resultados apontam para a necessidade de o professor analisar a produção textual dos alunos com o objetivo de identificar dificuldades no processo de escrita a partir das quais ele vai organizar a sua prática docente.

Palavras-chave: Texto. Referência. Anáfora direta.

Abstract: This article aims to analyze the use of direct anaphora in chronicles written by students of a 9th grade elementary school of a public school in Ceará. From the chronicles produced by these students, seven texts were randomly selected, in which the use of direct anaphora was analyzed, and how this referencing strategy contributed to the progression of the text. To proceed with the analysis, it was based on the ideas defended by Cavalcante (2013-2016), Marcuschi (2017), Costa Val (2019), Koch (2014) among other authors. The analysis showed that the subtypes of anaphora that demand a more basic operation are those that present higher occurrences in the students' texts, such as the co-significant correlative anaphora, the recategorizing corroborative anaphora, taken up through defined expressions, and the non-co-significant and non-recategorizing anaphor, taken up by personal pronouns. These results point to the need for the teacher to analyze the textual production of the students in order to identify difficulties in the writing process from which he will organize his teaching practice.

Keywords: Text. Referencing. Direct anaphora.

Introdução

As atividades de produção textual na sala de aula demandam a capacidade de planejar a escrita, idealizando os elementos participantes da interação e definindo os objetivos pretendidos

¹ Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN. Professor da rede estadual de educação do Ceará. E-mail: robertoclaudiobento@yahoo.com.br

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN. Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Campus Pau dos Ferros – RN. E-mail: socorroirmaia@uern.br

com a realização de tal tarefa. Contudo, proceder dessa forma, consiste em uma dificuldade constante dos alunos, em cujos textos, a figura do professor parece se constituir a peça principal, que contribui para a percepção das ideias materializadas no cotexto. Essa situação tem sido denunciada por Geraldi (1997), pois, segundo ele, o aluno não encara as atividades de produção textual, levando em conta o contexto de produção e a finalidade a que se propõe com o texto, mas se preocupa muito mais em devolver ao professor a “palavra que lhe foi ensinada”.

Diante desse cenário, ressaltamos que os alunos precisam conhecer e utilizar estratégias de comunicação que lhes permitam a construção de manifestações linguísticas bem fundamentadas e adequadas aos propósitos comunicativos. Para isso, é fundamental que eles organizem seus textos, articulando as ideias de forma coerente, garantindo continuidade, progressão, não-contradição e articulação, como defende Koch (2003).

Além disso, as constantes dificuldades percebidas na escrita dos alunos deve motivar o professor a buscar sistematizar tais ocorrência e, ao mesmo tempo, buscar fundamentação que lhe permita compreender tais problemas como oportunidades de intervenção pedagógica mais coerente e adequada às reais necessidades de aprendizagem dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades para a produção escrita em situações diversas e com objetivos claros.

Neste sentido, refletir sobre o uso da anáfora enquanto estratégia de referenciação que visa a progressão das ideias dentro do texto se mostra uma atividade viável, tanto para o professor que vai realizar uma leitura cuidadosa do texto do aluno, quanto do próprio estudante, que vai refletir sobre a sua escrita, analisando os usos desse recurso e o seu eventual auxílio para a construção das ideias e direcionamento do discurso dentro do texto.

Em tempos que exigem sujeitos preparados para interagirem nos mais diversos contextos de uso da língua, seja oral ou escrita, refletir sobre o processo de escrita, em especial sobre as estratégias de construção de sentido, em que se busca compreender as nuances dos discursos, refere uma atividade que a escola deve priorizar nas suas atividades com a língua em uso nas comunidades, seja no nível fundamental ou médio.

É com esse pensamento que analisamos os usos que os alunos fazem da anáfora direta em crônicas produzidas como atividades de sala de aula, com o objetivo de identificar os tipos e subtipos de anáforas diretas mais recorrentes na escrita dos alunos, a contribuição dessas estratégias para a progressão das ideias e construção de sentido no texto e ao mesmo tempo apontar para aspectos a serem considerados pelos professores no trabalho de orientação da produção de textos na sala de aula.

Para isso, esta pesquisa se caracteriza como quanti-qualitativa, com procedimento descritivo e analítico e de natureza aplicada por abordar situações que podem ser aplicadas em atividades de ensino-aprendizagem da escrita na sala de aula.

O trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente traçamos uma discussão sobre referência e referenciação e sobre a ativação, reativação e desfocalização de objetos de discurso na materialidade textual. Em seguida, discutimos sobre a anáfora direta e seus tipos. Num terceiro momento analisamos as ocorrências deste tipo de anáfora nos textos dos alunos, e finalmente, tecemos algumas considerações a título de conclusão.

Discutindo a referenciação

Sempre que falamos ou escrevemos, elencamos em nosso discurso uma série de elementos e situações sobre os quais discorreremos. Estes constituem os referentes que vão “povoar” o nosso discurso, conforme o objetivo que pretendemos alcançar. A forma como são abordados determinados referentes, a relação que eles mantêm ente si, a decisão de mantê-los ou não, no discurso, através de atualizações constantes, as estratégias linguísticas utilizadas para destacá-los dentro do texto etc são atitudes que revelam um posicionamento do autor em relação aos objetos referidos no texto, os quais se organizam em função de um projeto de dizer. Esses referentes não correspondem a objetos que possuem existência no mundo real, (Mondada, 2001, *apud* Koch, 2014. p. 32), são entidades sociodiscursivas criadas na interação verbal.

A construção dessa concepção de referente é desenvolvida por estudiosos da linguística textual a partir de meados da década de 1990, especialmente, por Mondada e Dubois e Apothéloz e Richler-beguelin (1995, *apud* Lima e Feltes, 2013). Esses autores questionam a noção de referente na sua visão tradicional, a qual se estendia aos objetos de existência do mundo real, em que a língua seria um instrumento para “etiquetar” tais objetos, (Lima e Feltes, 2013).

Lima e Feltes (2013), por sua vez, fundamentam-se nas concepções de Mondada e Dubois (1995) para afirmar que a referência não se relaciona a uma visão cartográfica do mundo em que os elementos estão dados *a priori*, cabendo à língua estabelecer com eles uma relação de correspondência. Não é papel da língua manter essa fidelidade estabilizada com os elementos do mundo real, mas recriar, através e pelas práticas discursivas, os referentes, caracterizados como entidades linguísticas subjetivamente construídas (e por isso fluidas em seus limites) nos processos de interação.

Nessa mesma linha, Koch (2014, p. 33), afirma que “a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de (re)construção do próprio real”. Essa forma de reelaboração da realidade está condicionada a um projeto comunicativo por parte do emissor. Cavalcante e Lima (2013) reforçam essa visão, afirmando que os objetos de discurso são construídos na interação e não funcionam como um espelhamento da realidade. Eles são entidades ativadas pelos falantes que os organizam na materialidade textual em função de um projeto de comunicação.

Podemos, então, encarar o processo de referenciação “como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas que estruturam e dão um sentido ao mundo” (MONDADA e DUBOIS, 1995, *apud* LIMA e FELTES, 2013. p. 32). Percebemos que na interação linguística os objetos de discurso (referentes textuais) emergem e são caracterizados, individualizados e retomados de forma contínua, visando à concretização de um projeto de dizer.

Para tanto, numa interação linguística, construímos um movimento dos objetos de discurso que vão se acomodando dentro do texto conforme o projeto de dizer. Através desse processo referencial construímos os sentidos atribuídos aos referentes, de forma delimitada, visando atender às características da interação, considerando os elementos contextuais que interferem no ato comunicativo, conforme defende Koch (2014), ao afirmar que:

A referenciação constitui assim uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, procedendo às escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos em função de um querer-dizer. Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas reconstruem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ela: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural, (KOCH, 2014. p. 33).

O ato de referir é condicionado pelo momento de interação e por todos os demais elementos que compõem o contexto comunicativo, incluindo aí o perfil do leitor/ouvinte idealizado no ato de produção do discurso. A construção e compreensão dos sentidos atribuídos aos referentes exigem que os interlocutores recorram constantemente ao conhecimento social, cultural, linguístico e interacional para conseguirem construir os sentidos de forma negociada por ocasião da interação linguística.

Nesse processo de estruturação dos discursos observamos que os falantes estão constantemente referindo, organizando e relacionando referentes textuais para tornar inteligível a sua fala diante da audiência de quem o ouve/ler. Para tanto, ele recorre a algumas estratégias

básicas, como apontadas por Koch (2014), que são: a) **a construção/ativação**, que consiste na introdução de um objeto de discurso (doravante OD) ainda não presente no texto. Ele passa a ocupar um espaço na memória operacional, representando um nóculo e contribui para a construção do sentido, funcionando como âncora do fio condutor do discurso. Para Costa Val, (2017), quando introduzido pela primeira vez no texto, e isso geralmente acontece por meio de uma expressão referencial indefinida, o referente passa a ocupar lugar de destaque na memória discursiva dos interlocutores; b) **a reconstrução/reativação**, que é o processo através do qual um referente, já introduzido na memória discursiva, é reintroduzido na memória operacional, através de uma forma referencial, mantendo em foco o objeto de discurso, conforme apontado por Koch, (2014. p. 34). Neste caso, o referente textual fica em foco novamente, o que geralmente é feito através de uma descrição definida ou de um pronome. Quando há a retomada do mesmo referente, constitui-se uma correferencialidade, ou seja, a retomada de um referente que já foi ativado no texto em momento anterior. Essa estratégia é importante para compreender o núcleo temático do texto. Isto é, quanto mais vezes reativado for um referente ao longo do texto, mais proximidade e importância ele terá em relação à ideia central do discurso. Por isso, acontecem retomadas constantes de um mesmo referente, distinguindo dos outros que guardam pouca proximidade em relação à concentração temática, os quais podem assumir uma posição periférica na construção do sentido; c) **a desfocalização/desativação** que ocorre quando um novo OD é introduzido no texto passando a ocupar o foco do discurso, e o objeto anterior é retirado da memória operacional, ficando em *stand by* podendo ser reativado a qualquer momento e ocupar a posição focal do texto.

Costa Val (2017), divide esta última operação em duas outras: a *disjunção referencial* e a *desfocalização*. Para esta autora, a disjunção consiste em introduzir outro referente textual na memória discursiva, fazendo com que o referente anterior seja desfocalizado. Para Costa Val, esse processo é importante para garantir a progressão referencial do texto. No entanto, a introdução de novos referentes não acontece de forma aleatória, mas condicionada pela configuração que assume o discurso, pelo objetivo interacional e pela necessidade que o contexto de interação impõe aos interlocutores.

A desativação se dá quando o autor não retoma mais determinado objeto de discurso, provavelmente, porque ele já se mostra dispensável à continuidade das ideias, ou não é necessário à progressão referencial, por ter ocupado uma posição marginal em relação às ideias veiculadas pelo discurso. A autora destaca ainda que esse movimento, realizado através das estratégias de referenciação são importantes para o estabelecimento da coesão e da coerência do texto.

As estratégias de referenciação, conforme Koch (2014) e Costa Val (2017), contribuem para a tessitura do texto, através de retomadas de objetos de discurso ativados ao longo do processo de escrita. Assim, mantém focalizados os referentes textuais mais relacionados ao núcleo temático do texto e que mais contribuem para o projeto comunicativo do autor.

Uma dessas estratégias se refere à anáfora direta, conforme se verá a seguir.

Anáfora direta

A anáfora direta é estabelecida pela relação de correferencialidade entre um termo anafórico e seu antecedente, em que este é denominado como anaforizado e aquele como anaforizante. Nesse processo, o termo anaforizante é interpretado a partir do termo anaforizado, estando este presente no cotexto ou somente no contexto, e empresta sua carga semântica para a interpretação do termo que referencia.

Para Cavalcante (2016, p. 124), a anáfora direta ou correferencial diz respeito à retomada de um referente presente no texto, de forma a garantir a progressão referencial, contribuindo para a sequência das ideias materializadas. Esse tipo de retomada pode ocorrer através de pronomes substantivos, de sintagmas nominais, por repetição de um item lexical, dentre outras formas.

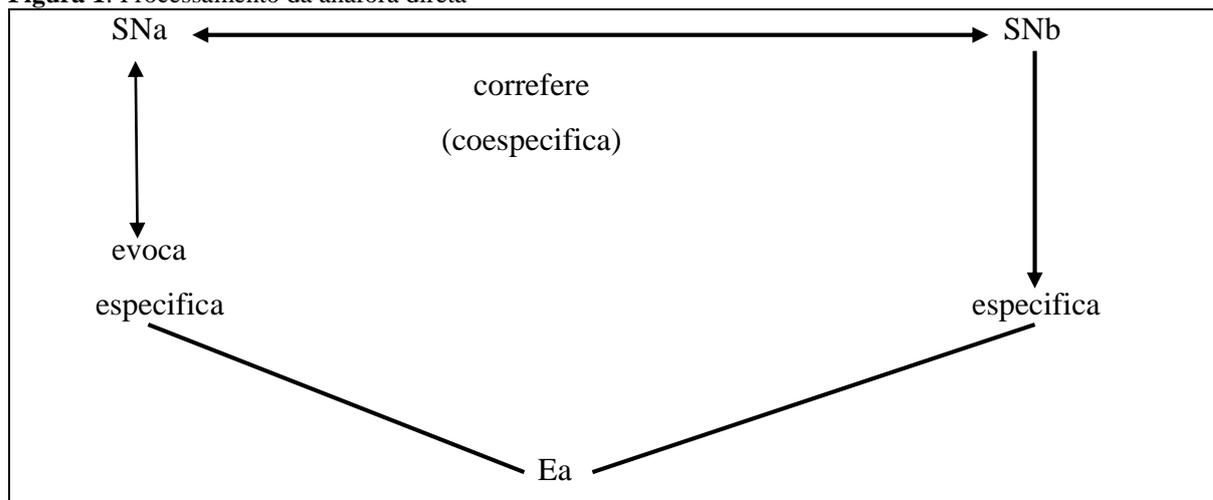
Além de se constituir em retomada de referente, a anáfora contribui para a criação de estratégias enunciativas, por meio das quais o autor demonstra suas intenções segundo o seu projeto de dizer. A atitude do autor em retomar um referente de forma constante e através da mesma expressão nominal, por exemplo, tem um significado específico que vai além de uma simples repetição. As expressões referenciais anafóricas são responsáveis pela continuidade referencial, de modo que não se limitam apenas a uma retomada de elementos já citados anteriormente, mas contribuem para a construção da tessitura textual, bem como para o estabelecimento da coerência do texto, através da progressão das ideias apresentadas, conforme os objetivos da comunicação.

Este tipo de anáfora estabelece uma relação de correferência com seu antecedente, funcionando como uma espécie de substituto do elemento retomado, ao qual são acrescentadas especificações/predicações necessárias à garantia da progressão textual. Ao mesmo tempo, as retomadas correferenciais são responsáveis por manter ativados no modelo textual os referentes já introduzidos anteriormente e que mantêm proximidade com o núcleo temático do texto. Neste sentido, Marcuschi (2017, p. 55), nos diz que:

Em geral, postula-se que as anáforas diretas retomam referentes previamente introduzidos, estabelecendo uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Parece haver uma equivalência semântica e, sobretudo, uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente. Na realidade a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado. A noção de correferencialidade é nesses casos crucial, embora nem sempre se dê de modo estrito. Seguramente, aspectos gramaticais, como concordâncias de gênero e número, serão decisivos em muitos casos, em especial quando houver mais de um candidato a antecedente referencial. Pode-se dizer que a visão clássica de anáfora direta se dá com base na noção de que a anáfora é um processo de reativação de referentes prévios.

Essa é uma visão clássica e linear da anáfora que não considera toda a complexidade da referenciação, pois nem sempre há uma relação semântica perfeita entre o termo anafórico e seu antecedente. A anáfora não se constitui em um simples processo de *clonagem referencial*, mas em uma estruturação da rede semântica do texto em que o termo anafórico guarda relações complexas com o seu antecedente. Para ilustrar melhor essa questão, Marcuschi (2017) propõe o seguinte diagrama que reflete o processamento desse tipo de anáfora:

Figura 1: Processamento da anáfora direta



Fonte: Marcuschi, 2017.

No esquema acima, Marcuschi aponta um sintagma nominal “a” (SNa), que ocupa a função de antecedente, podendo evocar e especificar o referente, ao passo que um sintagma nominal “b” (SNb) pode somente correferir e coespecificar, uma vez que retoma o referente já materializado na superfície textual, especificando o termo retomado sem que um objeto novo seja introduzido. E o símbolo “Ea” (especifica o antecedente) indica que o SNb tem como função especificar o termo antecedente. O SNa pode apresentar um OD e, junto com este, alguma especificação. Já o SNb, por retomar o OD já citado, tem como função especificar o objeto retomado.

Quanto aos elementos utilizados nas retomadas de antecedentes, as anáforas diretas podem ser classificadas como pronominais ou nominais. São pronominais quando o termo é retomado através de um pronome, e nominais, quando a retomada se dá através de um nome. Neste último caso, geralmente, a anáfora se estrutura com um determinante (artigo definido, artigo indefinido, pronome possessivo, pronome demonstrativo) mais um nome (núcleo de um sintagma nominal). Esses termos retomam total ou parcialmente os antecedentes a que se referem e podem, segundo Cavalcante (2003), agruparem-se em dois grupos:

1) Anáfora correferencial total – corresponde ao processo em que duas expressões referenciais designam o mesmo referente, podendo ocorrer retrospectiva ou prospectivamente e, quanto ao significado podem ser:

a) Anáfora correferencial cosignificativa – em que o processo de retomada se dá pelo mesmo item lexical, reiteração de termos ou termos sinônimos.

Ex. **Bruna Marquezine** garantiu “estar ótima e curtindo a vida” após o fim de seu namoro com o jogador Neymar, durante entrevista a jornalistas em um evento realizado em São Paulo, nesta terça-feira (23). **Bruna**, no entanto, evitou se prolongar no assunto.³;

b) Anáfora correferencial recategorizadora – no dizer de Cavalcante (2003. p. 110), esse processo anafórico “remodula a forma de designação, recategorizando-a, ou pela utilização de um termo superordenado, para que o enunciador se esquivasse de repetições estilisticamente indesejáveis, ou pela utilização de expressões com alguma carga avaliativa”. Esta pode se dar das seguintes formas:

i) Por hiperônimo – o hiperônimo se refere ao uso de um termo genérico para retomar um referente já citado anteriormente como ocorre entre os termos automóvel – ambulância; atleta – Neymar etc.

Ex. Bruna confirmou o fim do relacionamento com o **atleta** na semana passada e garantiu que a decisão partiu dele.⁴ Neymar tinha certeza que a atriz tiraria licença da Globo em 2019 para que os dois finalmente se casassem.

ii) Por expressão definida – a expressão definida geralmente é composta de um determinante mais um nome e é usada com a finalidade de particularizar o

³ (<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/10/23/estou-otima-curtindo-a-vida-diz-bruna-apos-fim-de-namoro-com-neymar.htm>)

⁴ <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/10/23/estou-otima-curtindo-a-vida-diz-bruna-apos-fim-de-namoro-com-neymar.htm?>

referente retomado ou acrescentar pontos de vista do autor sobre o objeto em discussão, ou as duas coisas ao mesmo tempo:

a) *Neymar* não se destacou na copa. *O melhor jogador* da seleção atual ainda não possui um título mundial.

b) Bolsonaro não possui as qualidades para o cargo que postula. *Esse intolerante* parece não compreender que o cargo de chefe de estado requer preparação e diplomacia.

iii) Por nome genérico – o termo genérico se refere ao uso de uma palavra, geralmente de gênero neutro” para referir um objeto de discurso que poderá se dar de forma retrospectiva ou prospectiva. É o que pode se observar no exemplo:

a) Para trabalhar com amor e dedicação à profissão, o professor necessita de três *coisas*: uma mente disposta a aprender continuamente, amor à profissão e um bom reconhecimento financeiro capaz de tornar atrativa a carreira do magistério.

iv) Por pronome – o pronome representa uma forma remissiva gramatical de retomada de referente já posto no contexto. Como se pode observar no exemplo abaixo, esta é uma estratégia que difere das outras, por ser realizada através de elementos que não possuem autonomia semântica (pronomes demonstrativos), estando por isso, atrelado ao sentido do termo que retoma, como se pode observar no exemplo:

a) O governo federal quer aprovar a reforma da previdência ainda em 2018. *Isso* vai requerer, dele, uma grande habilidade em negociar com os partidos em ano eleitoral e, para os cofres públicos, um custo financeiro muito elevado.

c) Anáfora não-co-significativa e não-recategorizadora – este tipo de anáfora é realizado por meio de pronomes pessoais, utilizados para retomar referentes relacionados a nomes de pessoas, sem guardar, com esse referente, uma relação mais estreita de co-significação ou de recategorização, como se observa no exemplo abaixo:

a) O governo federal quer aprovar a reforma da previdência ainda em 2018. Isso vai requerer, *dele*, uma grande habilidade em negociar com os partidos em ano eleitoral e, para os cofres públicos, um custo financeiro muito elevado.

2. Anáfora parcial – esse tipo de anáfora acontece quando há a retomada do referente através da repetição do mesmo item lexical precedido de um quantificador, ou até

mesmo de um determinante, de forma a construir a ideia de parte de um todo, que é o referente já citado anteriormente. Esse tipo de anáfora pode ser observado no exemplo abaixo:

- a) Anáfora parcial co-significativa – ocorre quando se retoma parcialmente o referente e pode se dar por meio de um sintagma nominal, de um elemento gramatical (indefinido ou numeral), ou por um adjetivo.
 - i) Por um SN – essa estratégia de retomada de referentes ocorre através do uso de um sintagma nominal que retoma o mesmo item lexical citado anteriormente, de forma parcial, como se observa no exemplo abaixo:
 - a) Os partidos têm até o dia 5 de agosto para realizar suas convenções e homologar seus candidatos para as eleições de 2018. *Alguns desses partidos* já apresentaram seus postulantes ao planalto para a “corrida” de 2018.
 - ii) Por indefinido ou por numeral – a anáfora parcial co-significativa pode se dar também por meio do uso de elementos indefinidos ou por numeral de forma que seja retomado parcialmente o objeto de discurso já referido anteriormente. Isso pode ser observado no exemplo abaixo:
 - a) Dois candidatos ao planalto em 2018 reúnem mais da metade da preferência do eleitorado brasileiro. No entanto, o cenário ainda é favorável a grandes mudanças uma vez que *um candidato* encontra-se encarcerado, e *o outro* é apontado como o mais despreparado para dirigir os rumos da nação diante de um mundo de incertezas.
 - iii) Por adjetivo – Esse tipo anáfora ocorre quando um adjetivo é usado para retomar parte do referente já citado anteriormente como se observa no exemplo abaixo:
 - a) Lula e Bolsonaro, candidatos ao planalto em 2018, reúnem mais da metade da preferência do eleitorado brasileiro. No entanto, o cenário ainda é favorável a grandes mudanças uma vez que *o primeiro* se encontra encarcerado, e *o segundo* é apontado como o mais despreparado para dirigir os rumos da nação diante de um mundo de incertezas.

Estes são, portanto, os casos de anáfora direta que se caracteriza pela retomada dos mesmos referentes já materializados em algum momento anterior do texto, os quais serão analisados em crônicas produzidas por alunos do 9º ano do ensino fundamental, no tópico seguinte.

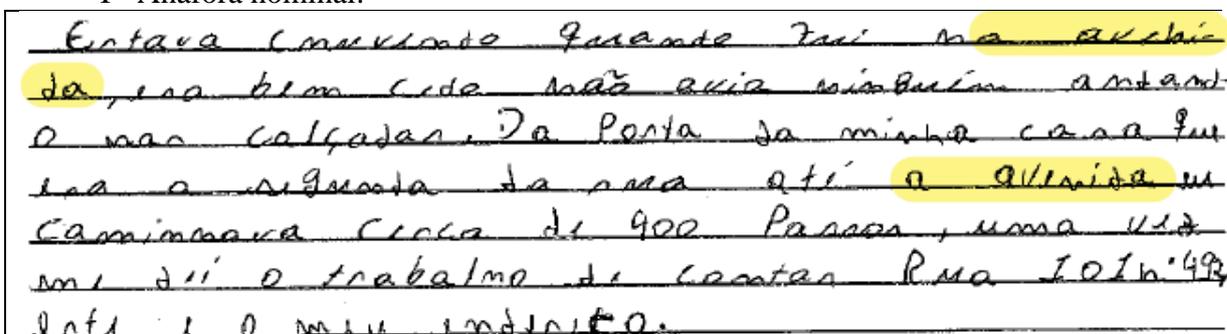
A anáfora nos textos dos alunos

Passaremos agora a analisar como os alunos utilizam a anáfora direta em seus textos de modo a garantir a continuidade e a progressão das ideias que estruturam a manifestação linguística. Para isso, recortamos excertos dos textos dos alunos identificando o texto como T-1, T-2 etc. e numerando os excertos sequencialmente, a partir do número 1.

A anáfora direta ou correferencial refere-se à retomada de um referente já citado no texto. Este recurso linguístico, apontado por Cavalcante (2014), funciona como estratégia de reativação dos objetos de discurso (OD) no cotexto, de forma direta, retomando/reactivando referentes já presentes no texto para receber novas predicções, que contribuirão para orientar o leitor na construção do sentido pretendido pelo autor.

Dessa forma, conforme o recurso linguístico utilizado para retomar anaforicamente um referente no texto, podemos classificar a anáfora como nominal – quando as retomadas acontecem por meio de um determinante mais um nome -, ou pronominais, quando esse processo se dá pelo uso de um pronome, conforme já apontado anteriormente. Esses casos de retomadas podem ser observados na escrita dos alunos, conforme se vê nos excertos abaixo:

I - Anáfora nominal:



Estava comprando quando fui na **avida**
da, era bem cedo não havia ninguém ainda
o não calçadas. Da porta da minha casa fui
na a segunda da rua até **a** **avida** eu
caminhei cerca de 900 passos, uma via
me dá o trabalho de contar. Rua 1016-49
até a o meu endereço.

(T-3; Excerto 1: retomada por meio de um SN caracterizando a anáfora nominal)

O exemplo acima mostra uma retomada por meio do mesmo sintagma, caracterizando a anáfora como nominal. Essa retomada por meio do mesmo item lexical reflete uma certa limitação do aluno em buscar outros elementos da língua que possam ser utilizados com o objetivo de tornar a leitura do texto menos truncada, fazendo as ideias fruírem sem repetições, muito embora ele o faça por meio de um sintagma nominal definido, como se espera que aconteça, quando se trata da anáfora nominal.

Essa retomada pode também se dar através do uso de pronomes substantivos, caracterizando a anáfora como pronominal, conforme se observa no excerto seguinte:

II - Anáfora pronominal:

Chegando na praçinha, **Diego** encontra dois amigos e começam a conversar, até que **ele** percebe que a colega estava muito lúe.

(T - 4; Excerto 2: retomada por pronome substantivo, caracterizando a anáfora pronominal)

Observamos, neste exemplo, que a retomada se dá por meio de um pronome (“ele” retoma “Diego”), o que caracteriza a anáfora como pronominal.

Esses são os dois processos que caracterizam o uso da anáfora direta como estratégia de referenciação nos textos dos alunos, sendo que a anáfora nominal se mostra mais recorrente (com 72 ocorrências nos sete textos analisados), do que a anáfora pronominal, (que apresenta 53 ocorrências nos mesmos textos).

No que se refere ao processo de retomada, o termo anaforizado pode ser retomado total ou parcialmente, o que vai determinar que classifiquemos as anáforas como 1) anáfora correferencial total, ou 2) anáfora correferencial parcial:

1) Anáfora correferencial total - quanto ao significado do referente retomado, pode se dar através do uso do mesmo item lexical, pela reiteração de termos ou de termos sinônimos, o que caracteriza a anáfora como anáfora correferencial co-significativa, cujo exemplo observamos no excerto abaixo:

a) Anáfora correferencial co-significativa

Entendo a e olmas **minha mãe** na queda sua, visto **ela** si cabelos brancos. Passada no Pontão, **ela** dá um tchau, e eu também **minha mãe** costou muitas amizades de infância, e hoje toco láã man velha.

(T - 3; Excerto - 3: retomada pelo mesmo item lexical)

mãos tremulas conseguiram reagir. Ligarão para a polícia e relatarão o ocorrido, em poucos instantes a viatura chegou ao local, e com **a mulher** sangrando, com ematomas e caída no chão, levaram o homem no camburão. As duas senhoras saíram em direção **a moça** que com joelhos do chão pedia por ajuda.

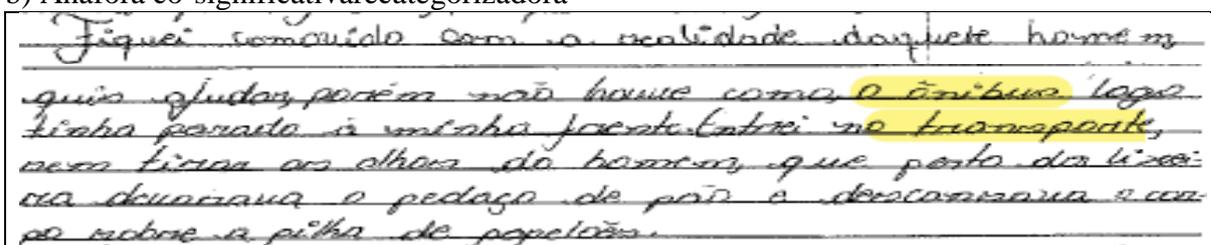
(T - 5; Excerto - 4: retomada por termo sinônimo e pelo mesmo item lexical)

Observamos que o excerto “3” traz a introdução do referente “*minha mãe*” que é retomado duas vezes por meio do pronome substantivo “*ela*” e uma terceira vez por meio da repetição do mesmo item lexical “*minha mãe*”. Neste exemplo, a primeira retomada do referente citado deveria se dar por meio do pronome objeto “*a*” ao invés do pronome pessoal “*ela*”, fazendo progredir mais fluentemente as ideias no texto. Já a segunda retomada por meio do pronome “*ela*”, bem como a repetição do mesmo item lexical, “*minha mãe*”, para retomar o referente pela terceira vez no parágrafo, estão gramaticalmente coerentes uma vez que assumem a função de sujeito na oração, mas observamos que esta última retomada deveria vir após ponto final, para fechar a ideia anterior e introduzir uma nova nesta oração iniciada pelo sintagma nominal “*minha mãe*”. Observamos que é uma marca do escritor incipiente o uso de pronomes que tradicionalmente ocupam a função de sujeito da oração, na função de pronome objeto. Tal fato parece revelar uma característica da oralidade que o aluno leva para o processo de escrita.

O excerto “4”, por sua vez, apresenta um termo sinônimo “*a moça*” para retomar o referente “*a mulher*”, caracterizando a anáfora correferencial co-significativa. Este subtipo de anáfora direta não exige um processamento mais complexo por parte do aluno no ato da escrita, uma vez que ele vai retomar o referente por meio da repetição do mesmo item ou por meio de um termo sinônimo.

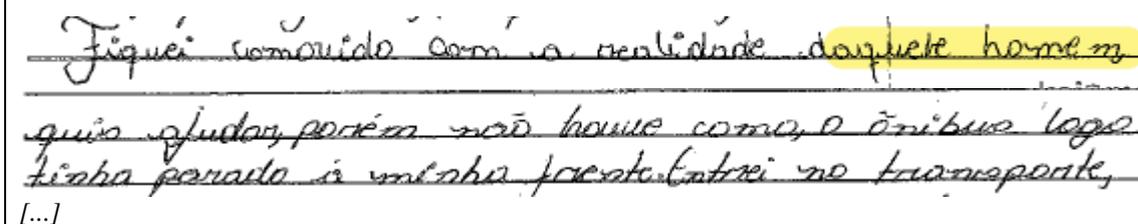
Há ainda processos que não somente retomam referentes no texto, mas também os recategorizam, caracterizando a anáfora direta como co-significativa recategorizadora. Estas, por sua vez, podem se dar através do uso de hiperônimos, por expressão nominal definida, por nome genérico ou por meio do uso de um pronome, como se pode observar nos excertos abaixo:

b) Anáfora co-significativa recategorizadora



Fiquei comovido com a realidade daquele homem quis ajudar, porém não houve como, o ônibus logo tinha parado à minha frente. Entrei no transporte, para tirar as coisas do homem, que posto da lizacia devociana o pedaço de pão e descomanava e com se sobre a pilha de papéis.

(T – 6; Excerto – 5: retomada com uso de hiperônimo)



Fiquei comovido com a realidade daquele homem quis ajudar, porém não houve como, o ônibus logo tinha parado à minha frente. Entrei no transporte, [...]

Já recordo que quando eu entrei no ônibus que senti e fiquei a olhar pela janela, vi um homem magro, branco e com estilo de gente rica. E vinha trazendo debaixo do braço um cobertor e na mão esquerda uma garrafa, com líquido amarelado.

Falei comigo mesmo:
- O cobertor era, talvez, para proteger o mendigo do frio, mas e aquele líquido para que seria?

(T - 6; Excerto - 6: retomada com uso de expressão nominal definida)

Já caminhava a bastante tempo, quando ouvi uma respiração cansada e fraca, e um mexer de folhas nente ao chão, não estava distinguindo sua posição, quando um **homem** estava fazendo do chão seu leito com os olhos arregalhados e manejados, possuía uma flecha na altura do quadril, o que não a deixava andar, então mais que depressa a tirei, a **coisa** levantou o pedaço rapidamente e se enqueu, andando com dificuldade, e **sumiu** mata a dentro. E eu? Bom, voltei para casa.

(T - 2; Excerto - 7: retomada com uso de nome genérico)

Em um fim de semana qualquer, estava eu andando na rua, quando de nada me vi diante a uma discussão. Era um casal de namorados, **ela com um vestido preto, muito carregado dos laços e nos ombros**, talvez **aquele** seria o novo estilo da jovem, mas **ela** contente com a que se discutiam. Ele, que aparenta

(T - 5; Excerto - 8: retomada com uso de pronome)

O excerto “5” traz uma retomada por uso de hiperônimo (“transporte” retoma “ônibus”). Esta estratégia caracteriza uma habilidade do aluno na utilização dos mecanismos linguísticos para a construção de sentidos no texto, evitando, assim, repetições que tornam o texto truncado e enclausurado em torno de uma única ideia.

O excerto “6” mostra o uso da expressão nominal definida “o mendigo” para retomar o referente “aquele homem”. Neste caso, há uma recategorização de “aquele homem” em que o autor faz a retomada caracterizando melhor a condição que este personagem assume dentro do texto. Ao optar por esta caracterização, o autor aponta para o leitor um possível direcionamento que dará ao seu discurso, direcionamento este que é, de certa forma, esperado pelo leitor quando

ativa o seu conhecimento de mundo e de interação, ao perceber a construção linguística realizada pelo autor, ao optar por tal forma de retomada do referente em questão.

O excerto “7” apresenta uma retomada por meio de um nome genérico, “*a coisa*”, que retoma o referente “um ser” que também é apresentado, a princípio, de forma bastante genérica, mas que é descrito pelo autor logo em seguida, levando o leitor a inferir que se trata de um animal.

Este tipo de introdução e de retomada de objetos de discurso no texto é bastante frequente no processo de escrita dos alunos. A causa disso parece estar relacionada a uma não idealização do seu possível leitor: quem ele é, o que ele sabe sobre o assunto abordado no texto, qual o nível de proximidade dele em relação ao autor etc. Parece-nos que duas questões contribuem para que os alunos utilizem termos genéricos nos textos, demandando, assim, um maior esforço do leitor na construção do sentido pretendido por ele: uma primeira questão se refere ao fato de que o aluno parece idealizar um leitor que tem as suas características enquanto autor, que tem o mesmo nível de conhecimento, que compartilha do mesmo conhecimento enciclopédico etc. Este comportamento caracteriza o que se denomina de “narcisismo textual” e pode/deve ser trabalhado pelo professor quando da solicitação de uma atividade escrita em sala de aula. Uma segunda questão refere-se às marcas da oralidade que ainda estão presentes nas atividades de escrita dos alunos do ensino fundamental. Esta questão também pode/deve ser abordada pelo professor no sentido de fazer com que o estudante perceba que a fala e a escrita são modalidades diferentes da língua. E cada uma guarda suas singularidades que visam proporcionar aos interactantes uma maior eficácia nos processos de comunicação.

Finalmente, o excerto “8” que traz uma retomada por meio do uso de pronome (“*aquele*” retoma “*o vestido preto, curto, rasgado dos lados e nos ombros*”), em que o aluno opta por tal construção contribuindo para a progressão das ideias dentro do texto, tornando a leitura mais fluente e direcionando o leitor para os fatos apontados na sequência.

Percebemos, com esses exemplos, que os alunos realizam operações complexas na escrita dos seus textos. Essa situação demanda do professor a capacidade de observação e sistematização dessas ideias, com o objetivo de trabalhar os aspectos que precisam ser melhorados nas atividades de escrita para que os discentes desenvolvam a capacidade de ler e produzir textos adequados ao contexto de interação. É necessário que o professor, ao propor uma atividade de escrita, trabalhe com o aluno, de forma sistemática, os elementos que compõem o processo de interlocução na escrita, conforme já apontado anteriormente. Isso contribuirá para que o estudante planeje melhor o seu texto e, conseqüentemente, desenvolva as habilidades para a produção escrita.

O terceiro tipo de anáfora correferencial total é a não-cosignificativa e não-recategorizadora, que veremos a seguir.

c) Anáfora não-cosignificativa e não-recategorizadora

O terceiro e último subtipo de anáfora correferencial total se refere à anáfora não cosignificativa e não-recategorizadora, caracterizada pelo uso de pronomes pessoais que retomam nomes de pessoas, sem guardar com estes uma relação de co-significação. Ou seja, não há uma retomada total do referente, mas uma espécie de encapsulamento realizado pelo uso de um pronome substantivo, conforme já explicitado anteriormente. Esse subtipo de anáfora direta não foi encontrado nos textos produzidos pelos alunos.

A anáfora direta pode se dar ainda através de retomada parcial do referente. Esse processo caracteriza a anáfora parcial e se realiza por meio de retomadas, em que o termo anaforizante é precedido de um quantificador, indicando parte do referente retomado. Esse tipo de anáfora realiza-se pelo uso de um sintagma nominal, de um pronome indefinido ou numeral, ou de um adjetivo, conforme podemos verificar nos excertos abaixo.

2) Anáfora correferencial parcial

As anáforas correferenciais parciais apresentam um só tipo que é a co-significativa e pode ocorrer por meio de três elementos linguísticos diferentes: I - por um sintagma nominal; II - por pronome indefinido ou numeral; III - por adjetivo. Esses elementos são utilizados para retomar parte do referente, conforme podemos observar nos excertos abaixo:

O restaurante de Dona Neci era o mais frequentado da cidade. Ponto de encontro, de meninas bonitas, de rapazes elegantes e palco de muitas conversas, algumas até confidenciais, ao qual a proprietária não dispensava sempre que podia ouvir. Era uma estratégia dela para conhecer sobre a

(T - 1; Excerto - 9: anáfora parcial com uso de indefinido)

Um casal de namorados; que nome-
za já há 5 anos, eram muito apaixe-
nados um pelo outro.
Alan pensou em convidar sua na-
morada que se chamava Beatriz
para ir a um restaurante na noite
de natal. Beatriz morava do outro lado
da rua, próximo a casa dele.

(T – 7; Excerto – 10: *anáfora parcial com uso de sintagma nominal*)

O excerto “9” traz o indefinido “*algumas*” que não retoma integralmente o referente “*muitas conversas*”, mas o faz parcialmente. No excerto “10” observamos que o sintagma nominal “Alan” assim como “Beatriz” retomam, cada um, um dos elementos do “casal”, caracterizando uma retomada parcial do referente materializado anteriormente.

Este tipo de retomada refere mais uma habilidade dos alunos em utilizar estratégias de referenciação para fazer com que as ideias sejam adicionadas na escrita, garantindo a progressão textual para orientar o leitor na reconstrução do sentido pretendido. Esses são processos complexos que refletem as habilidades dos alunos no trato com a escrita, mas que ainda precisam ser trabalhados sistematicamente pelos professores com o objetivo de aprimorar essa habilidade dos estudantes.

No tocante às retomadas parciais por meio de adjetivos, não foram encontradas ocorrências nos textos dos alunos, talvez pelo fato de essa estratégia ser mais complexa e demandar maior habilidade cognitiva, uma vez que esse tipo de retomada sempre acontece de forma fracionada e caracterizada por meio de um qualificativo.

Percebemos, com as análises realizadas, que o uso de anáforas diretas correferenciais é um recurso abundante nos textos dos alunos, especialmente, no que se refere à retomadas correferenciais co-significativas em que se repete o mesmo item lexical para retomar o referente e assim garantir a progressão do texto. Essa estratégia refere uma capacidade, ainda em desenvolvimento, dos alunos, em construir uma rede referencial dentro do texto, de forma a evitar ao máximo as repetições, mas garantir as retomadas, para que a leitura se torne mais fluida, porque as ideias progridem dentro do texto.

Considerações finais

A produção do texto escrito ainda representa um grande desafio para os alunos do ensino fundamental e até do médio.

Em atividades desse tipo, os alunos introduzem referentes no modelo textual e passam a retomá-los no decorrer do texto de modo a não perder o fio condutor que vai guiar o leitor na construção do sentido, através de retomadas que se realizam em todo o texto.

Como vimos, uma dessas estratégias se refere ao uso da anáfora direta para retomar os referentes textuais, acrescentando-lhes predicções para garantir a progressão textual.

Pudemos verificar que essa estratégia de referenciação subdivide-se em anáfora nominal ou pronominal. Quantos às formas de retomada, estas podem ocorrer de totalmente ou parcialmente.

A maioria das ocorrências dá-se através da anáfora correferencial total, que é subdividida em três subtipos, sendo que a retomada dos mesmos referentes, de forma integral, por meio do mesmo termo ou de um termo sinônimo, ou pelo uso de pronomes pessoais se destaca.

Conforme a tabela resumitiva abaixo, verificamos que os sete textos analisados apresentam 119 ocorrências de anáfora correferencial total. Destas, 87 ocorrências se materializam mediante a repetição do mesmo termo ou pelo uso de termos sinônimos ou por meio de pronome pessoal.

Tal situação se explica por serem estas as duas formas mais simples de retomada de referentes, e por isso não exigem maior esforço do aluno, como acontece, por exemplo, na retomada por meio do uso da anáfora parcial.

O outro subtipo de anáfora correferencial é a recategorizadora que pode se materializar de quatro formas: por meio de hiperônimo, de expressão definida, de nome genérico ou de pronomes. A retomada de referentes, mediante o uso desses elementos, apresenta as seguintes ocorrências nos textos dos alunos: nos sete textos analisados foram encontrados 3 exemplo de retomadas por hiperônimo; 22 exemplos de retomada por expressão definida, sendo esta o terceiro subtipo de anáfora mais recorrente; 4 ocorrências de retomada pelo uso de nomes genéricos; e 3 retomadas mediante o uso de pronomes possessivos.

Não foram encontradas ocorrências de anáforas correferenciais totais não-co-significativa e não recategorizadora em nenhum dos textos analisados, talvez pelo fato de essa estratégia requerer um maior nível de processamento textual por parte do autor do texto.

No que se refere à retomada parcial, percebemos que esta não se mostra uma estratégia recorrente na escrita dos alunos. Na análise dos sete textos, foram encontrados apenas 6 ocorrência de retomadas por sintagma nominal, 3 casos de retomadas por pronome indefinido ou numeral e nenhuma retomada por adjetivo.

Diante das características apresentadas no uso da anáfora direta como uma das estratégias de referência, responsável por fazer com que as ideias progridam no texto, articulando e acrescentando ideias e evitando a contradição, podemos afirmar que a pouca ocorrência de algumas estratégias de uso da anáfora direta remete à necessidade de o professor conhecer essa característica de uso da língua escrita pelos alunos para, a partir daí, propor atividades que trabalhem esse assunto em sala. Isso contribuirá para que o aluno desenvolva habilidades de articulação de ideias no processo de escrita por meio de atividades que explorem a metacognição e desenvolva as habilidades de leitura e de escrita de textos adequados a um propósito comunicativo claro.

Os usos da anáfora direta verificados nos sete textos analisados foram quantificados e apresentados na tabela abaixo, por tipo de ocorrência e quantas vezes se manifestam em cada texto, conforme se observa abaixo.

Tabela 1: Ocorrência da anáfora direta nos textos escritos pelos alunos

1. Anáfora correferencial total		T1⁵	T2	T3	T4	T5	T6	T7	total
a) Anáfora correferencialco-significativa	I – Retomada pela repetição do mesmo item ou por termo sinônimo	30	03	05	07	17	08	17	87
b) Anáfora correferencialreategorizadora	I – Retomada por hiperônimo	02	-	-	-	-	01	-	03
	II – Retomada por expressão definida	03	-	06	03	03	07	-	22
	III – Retomada por nome genérico	01	-	-	-	-	01	02	04
	IV – Retomada por pronome	02	-	-	-	01	-	-	03
c) Anáfora não co-significativa e não-reategorizadora	I – Retomada por pronomes pessoais	-	-	-	-	-	-	-	-
2. Anáfora parcial									
a) Anáfora parcial co-significativa	I – Retomada por um SN	02	-	-	-	03	-	01	06
	II – Retomada por indefinido ou numeral	01	-	-	-	02	-	-	03
	III – Retomada por adjetivo	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria

Finalmente, apontamos que é necessário que o professor estude os textos dos alunos com a finalidade de verificar quais são os aspectos que se mostram mais urgentes e necessários de serem trabalhados em sala. É importante que o professor veja o texto de cada aluno como uma oportunidade de se debruçar sobre o conhecimento que o aluno já possui e ao mesmo tempo construir intervenções pedagógicas que orientem a sua prática visando ajudar cada estudante a superar as dificuldades percebidas na produção escrita. Assim o professor estará desenvolvendo uma prática formadora e emancipadora mediante um ensino de língua que tem

⁵ T1: texto 1; T2: texto 2; T3: texto 3; T4: texto 4; T5: texto 5; T6: texto 6; T7: texto 7.

como objetivo a formação de cidadãos críticos, atuantes e capazes de compreender e intervir na realidade na qual estão inseridos mediante o uso da linguagem como instrumento de interação, de diálogo e de poder.

Referências

APOTHÉLOZ, D. & REICHELER-BÉGUELIN, M.-J. “Construction de la référence et stratégies de désignation”. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (Orgs.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995, pp. 142 - 473.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, S. M. C. (Orgs.). **Referencialção: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.

COSTA VAL. M. G. **Redação e Textualidade**. 4. ed. São Paulo. Martins fontes, 2019.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, S. M. C de. CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, vol 13, n. 25, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/357d083dd43195695b2541a9bde1b43d.pdf>. Acessado em: 01. jul. 2019.

LIMA, S. M. C de; FELTES, H. P. de M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M. LIMA, S. M. C. de. (Orgs). **Referenciação: Teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. 2. ed. 1ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2017.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 17-52.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al, **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.